



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MARTINS, Ávaro; VOLPI, José Henrique. O mito enquanto defesa corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2015. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>

Acesso em: ____/____/____.

O MITO ENQUANTO DEFESA CORPORAL

Álvaro Martins
José Henrique Volpi

RESUMO

Através das escolas na área da psicologia é possível analisar e compreender a jornada de um personagem, considerando desde a sua construção até entender as suas escolhas e decisões durante a jornada que tomará como parte da sua história. Na abordagem freudiana ou jungiana existem trabalhos importantes para a compreensão mais ampla deste herói, quer seja pela formação do sujeito e do seu passado ou pelos arquétipos que o mesmo possui. Contudo, no processo de análise voltada para a criação de um determinado personagem é possível construir as suas características corporais, assim como, a partir das suas couraças e de sua energia, melhor compreender o seu funcionamento.

Palavras-chave: Corpo. Construção. Personagem. Psicologia. Jornada. Narrativa.

A psicologia proporciona a análise do sujeito, por meio da construção de um significado e significante de objetos. Neste sentido, a partir da compreensão deste é possível a elaboração da história de protagonistas tão vivos em sua jornada fantástica quanto na realidade na qual estamos inseridos. É possível afirmar que todas as pessoas possuem os próprios mitos que tendem a guiá-las no percurso de suas experiências refletidas na vida cotidiana e tornando-as protagonistas no curso da própria jornada percorrida.

Como quer que encaremos as interpretações detalhadas, e por vezes contraditórias, de casos e problemas específicos, Freud, Jung e seus seguidores demonstraram irrefutavelmente que a lógica, os heróis e os feitos do mito mantiveram-se vivos até a época moderna. Na ausência de uma efetiva mitologia geral, cada um de nós tem seu próprio panteão do sonho — privado, não reconhecido, rudimentar e, não obstante, secretamente vigoroso. A última encarnação de Édipo, a continuidade do romance entre a Bela e a Fera, interrompidas esta tarde na esquina da 42th Street com Fifth Avenue, esperam que o semáforo mude. (CAMPBELL, 1997. Pg. 6)

A citação acima reforça a compreensão de que todos os indivíduos se preparam para as suas jornadas com os próprios panteões de sonhos, mitos e histórias. Cabe mencionar que a estrutura da psiquê necessita de defesas corporais, armaduras e vestes, que formam as couraças e bloqueios de segmento ou energéticos encontrados em nossos corpos. Estas defesas se formam em função dos carrascos, monstros, aberrações e desafios que o sujeito elege para si como proteção contra estas criações que residem em sua mente.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MARTINS, Ávaro; VOLPI, José Henrique. O mito enquanto defesa corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2015. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>

Acesso em: ____/____/____.

Numa palavra: a primeira tarefa do herói consiste em retirar-se da cena mundana dos efeitos secundários e iniciar uma jornada pelas regiões causais da psique, onde residem efetivamente as dificuldades, para torná-las claras, erradicá-las em favor de si mesmo (isto é, combater os demônios infantis de sua cultura local) e penetrar no domínio da experiência e da assimilação, diretas e sem distorções. (CAMPBELL, 1997. Pg. 12)

Neste momento dialogo também com Federico Navarro (1996, Pg. 45), segundo o qual, “apenas o homem, como animal óptico, é capaz de simbolizar. O símbolo é a intelectualização”. O sonho é uma passagem do sujeito na construção dos seus maiores heróis e maiores medos, valendo salientar que neste momento as suas defesas diminuem e os símbolos surgem nos seus sonhos. Partindo desta ideia, os nossos maiores fantasmas surgem durante os pesadelos onde os heróis internos se apresentam camuflados.

Na construção dos protagonistas da jornada fantástica e do mundo real que encontramos ao longo da vida necessitamos de proteções psicológicas, elaborados a partir de processos denominados, por exemplo, como mecanismos de defesa. Entretanto, a proteção corporal é igualmente criada e necessária, sendo formada através das couraças e bloqueios energéticos.

Essas couraças são formadas a partir dos símbolos e dos significados que guardados em nossa história que são imagens formadas, por meio das tradições e culturas nas quais estamos inseridos. É desta forma que criamos nossas couraças para melhor nos adequar e sobreviver em meio à sociedade, sublimando nossos fantasmas, desejos e anseios, tais quais as imagens de heróis míticos e épicos que se preparam para enfrentar as criaturas igualmente protegidas.

Assim como os rituais de passagem tradicionais costumavam ensinar ao indivíduo que morresse para o passado e renascesse para o futuro, as grandes cerimônias de posse o privavam do seu caráter de pessoa comum e o vestiam com o manto de sua vocação. (CAMPBELL, 1997. Pg 11)

O processo de adaptação torna possível a construção de um sujeito/personagem vívido e comprometido com sua história, ou seja, um ser movido por uma jornada constituída de ciclos pelos quais deve passar para se inserir em seu contexto social e movido por suas funções, necessidades e objetivos. É desta jornada a ser percorrida que o personagem tende a construir os próprios hábitos, maneirismos, resistências, e outras formas subjetivas de comportamento. De acordo com Navarro (1995, p. 15) “o caráter pode ser definido como o modo habitual do indivíduo agir e reagir a fatos e pessoas”. Desta maneira, o autor confirma a construção da subjetividade do sujeito enquanto sobrevive em sua aventura que chamamos de vida.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MARTINS, Ávaro; VOLPI, José Henrique. O mito enquanto defesa corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2015. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>

Acesso em: ____/____/____.

Ao ser criado, o personagem deve passar por um desenvolvimento emocional para que possua uma construção psico-corporal sem distinguir da realidade, pois a jornada formará o herói enquanto sujeito vivo. Neste caso, sua formação deverá passar também pelos estágios de formação. São eles: períodos embrionários, fetal, neo-natal, pós-natal e pseudogenital. Estes estágios devem ser considerados, pois são os processos de formação, na qual o sujeito inicia a sua estrutura física e psicológica, fase esta que possibilita ter conhecimento do temperamento, da caracterialidade e da personalidade.

Personalidade é soma dos efeitos do temperamento e da caracterialidade. O caráter genital, que é maduro, é capaz de administrar o temperamento. O temperamento tem necessidades, e a caracterialidade tem desejos. A constância é temperamental e a coerência é caracterial. O caráter genital tem um equilíbrio harmonioso entre essas duas instancias. (NAVARRO, 1995. Pg. 12)

Seja na realidade ou na fantasia é necessário que o sujeito passe por um processo de desenvolvimento emocional e caracterial, estas etapas propiciam compreensão do bem e do mal, certo e errado e até mesmo a fonte do desejo, seja ela para vida ou para a morte. É também durante o processo de castração que é se constrói o conceito de regras, limites e dos comportamentos que são aceitos ou repudiados na sociedade.

Tendo em vista que o sujeito é formado através do complexo de Édipo, no qual há a castração, destaca-se a argumentação de Násio (2007, Pg. 12): “Assim, concluímos que o Édipo é a dolorosa e iniciática passagem de um desejo selvagem para um desejo socializado, e a aceitação igualmente dolorosa de que nossos desejos jamais serão capazes de se satisfazer totalmente”. Devido a castração faz-se necessário que o sujeito mantenha o equilíbrio psíquico se defendendo das ameaças externas. De acordo com Navarro (1995, Pg. 17) “o ‘caráter’, na verdade, tornou-se a formação necessária para manter o equilíbrio psíquico e para defender-se das frustrações e das agressões do ambiente”.

No processo de construção das proteções do corpo, o sujeito encontra um novo mecanismo de defesa que possibilita ao mesmo encontrar uma forma de vazão para o seu desejo, utilizando-se da sublimação, deslocamento e projeção ou introjeção. Estas formas de proteger à própria psiquê permite que o sujeito, seja o real ou o personagem de uma historia fantástica, possua formas de buscar seus desejos e aspirações, ainda que para Campbell (1997) a negação junto da recusa para aventura possa surgir em um primeiro momento antes de seguir para sua jornada.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MARTINS, Ávaro; VOLPI, José Henrique. O mito enquanto defesa corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2015. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>

Acesso em: ____/____/____.

O instinto de vida (*eros* ou *libido*, correspondente ao *Kama*, "desejo" budista) e o instinto de morte (*thanatos* ou *destrudo*, idêntico à *Mara* budista, "hostilidade ou morte") são os dois impulsos que não só movem o indivíduo a partir de dentro, mas animam igualmente, para ele, o mundo circundante. Ademais, as delusões inconscientemente fundamentadas de onde emergem desejos e hostilidades são, em ambos os sistemas, dissipadas por meio da análise psicológica (em sânscrito, *viveka*) e da iluminação (em sânscrito, *vidya*). No entanto, o alvo dos dois ensinamentos — o tradicional e o moderno — não é exatamente o mesmo. (CAMPBELL, 1997. Pg.88)

A busca da realização do desejo passa pelo instinto de vida e pelo instinto morte, pois sua jornada possui 12 etapas, as quais se iniciam pela chamada à jornada e se finalizam no retorno do personagem ao princípio. Por outro lado, durante a jornada ocorre um renascimento, mas esta etapa é formada pelo encontro do desconhecido, o confronto com a realidade e a superação.

Com relação à psicologia estas etapas podem ser relacionadas a muitos momentos do sujeito, pois o desconhecido, o confronto com a realidade e a superação pode ser relacionado, respectivamente, ao momento em que o sujeito procura pelo psicoterapeuta, ou ao buscar o acesso ao inconsciente, em seguida a sessão propriamente dita e o encontro com seus fantasmas e a superação em relação à compreensão das questões e ao se deparar com as soluções para sua demanda.

Como ponto de partida, podemos dizer que um desejo é uma ideia (*Vorstellung*) ou um pensamento; algo completamente distinto, portanto, da necessidade e da exigência. O desejo se dá ao nível da representação tendo como correlato os fantasmas (fantasias), o que faz com que, contrariamente à pulsão (*Trieb*) — que tem de ser *satisfeita* —, o desejo tenha de ser *realizado*. (ROZA, 2009. Pg. 83)

Assim o protagonista da jornada, seja ela fictícia ou na realidade em que vivemos, deve buscar formas de realizar os próprios desejos. A busca por esta aspiração e objetivo sublimada ou deslocada para possibilitar a realização efetiva destes desejos, na mesma medida em que os fantasmas surgem para assombrar o sujeito. Este mecanismo se torna a razão da busca pelo confronto e da ânsia pela superação, pois através destas duas etapas o sujeito encontra formas de satisfazer o desejo e minimiza os efeitos dos fantasmas. Neste processo o sujeito pode se fortalecer e conhecer distintas formas de lidar com estes inimigos durante os próximos confrontos.

Entretanto, esses efeitos formam couraças e armaduras que protegem das situações que representam perigo para a psiquê do sujeito, enquanto o herói fantástico utiliza de



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MARTINS, Ávaro; VOLPI, José Henrique. O mito enquanto defesa corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2015. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>

Acesso em: ____/____/____.

vestimentas externas que protegerá seu corpo de espadas e machados. Na história e jornada que vivemos e protagonizamos, vestiremos a armadura corporal, que protegerá nossa psiquê, incluindo-se o consciente e o inconsciente.

Essa vestimenta protegerá o sujeito externa e internamente, pois o nosso herói interno também confrontará os demônios e fantasmas formados durante o seu desenvolvimento, tal como irá impulsionar a jornada e a busca pelo desconhecido. Todo esse processo acontecerá como Campbell (1997) expõe:

O herói, deus ou deusa, homem ou mulher, a figura de um mito ou o sonhador num sonho, descobre e assimila seu oposto (seu próprio eu insuspeitado), quer engolindo-o, quer sendo engolido por ele. Uma a uma, as resistências vão sendo quebradas. Ele deve deixar de lado o orgulho, a virtude, a beleza e a vida e inclinar-se ou submeter-se aos desígnios do absolutamente intolerável. Então, descobre que ele e seu oposto são, não de espécies diferentes, mas de uma mesma carne. (CAMPBELL, 1997. Pg.61)

Será desnecessária a viagem por mares e grandes oceanos, para o encontro com esta figura monstruosa com o qual o protagonista desta jornada confrontará, pois a criatura que ele busca está dentro si. Por esta razão enfrentará a si mesmo em um embate com um monstro encontrado dentro de sua própria psiquê. Nossos fantasmas e inimigos se formam a partir da mesma origem do sujeito que o criou e o fantasiou, sujeito este que possui dentro de si tanto o herói quanto a besta dentro do labirinto da psiquê.

REFERÊNCIAS

- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo. Editora Pensamento LTDA, 1997
- NAVARRO, Federico. **Metodologia da vegetoterapia caracterológico-analítica**. São Paulo. Editora Summus, 1997
- NAVARRO, Federico. **Caracterologia pós-reichiana**. São Paulo. Editora Summus, 1995
- NASIO, J.-D. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro. Zahar, 2007
- ROZA, Luiz Alfredo Garcia. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro. Zahar, 2009

AUTOR

Ávaro Martins / Curitiba / PR / Brasil - Cursa o 9º período do curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Brasil (UNIBRASIL) e Especialização em Psicologia Corporal no Centro Reichiano, Curitiba/PR.

E-mail: alvaro.envy@yahoo.com.br



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MARTINS, Ávaro; VOLPI, José Henrique. O mito enquanto defesa corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2015. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>

Acesso em: ____/____/____.

ORIENTADOR(A)

José Henrique Volpi / Curitiba / PR / Brasil – CRP-08/3685 - Psicólogo, Analista Reichiano, Psicodramatista, Mestre em Psicologia da Saúde (UMESP), Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Diretor do Centro Reichiano-Curitiba/PR.

E-mail: volpi@centroreichiano.com.br